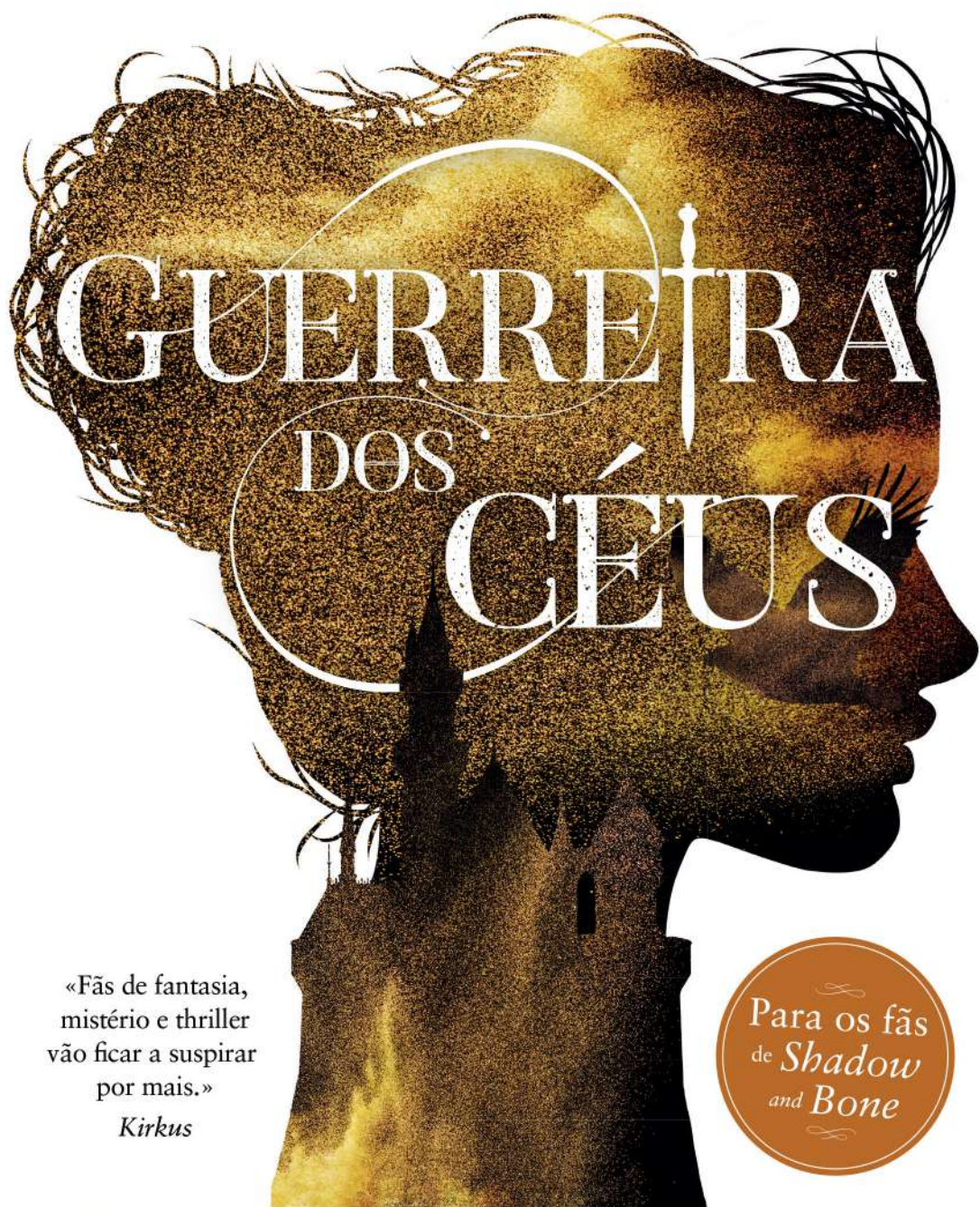


DAS TREVAS NASCERÁ A UNIÃO



«Fãs de fantasia,  
mistério e thriller  
vão ficar a suspirar  
por mais.»

*Kirkus*

Para os fãs  
de *Shadow*  
and *Bone*



ADDIE THORLEY

AUTORA NOMEADA PARA O PRÊMIO YALSA PARA MELHOR ROMANCE YOUNG ADULT

«O amor é como uma árvore; cresce por si mesmo;  
lança as suas raízes no mais profundo do nosso ser  
e mantém-se verdejante num coração em ruínas.»

Victor Hugo, *O Corcunda de Notre Dame*

# Capítulo Um

## ENEBISH

A escuridão ergue-se à minha volta como um escudo, envolvendo-me numa couraça e cingindo-me em aço, desviando os sussurros que trepam as paredes da gruta como aranhas gigantes.

É fácil perceber quando estão a falar de nós: juntam-se em grupos e lançam-nos olhares furtivos por cima do ombro. Murmuram em surdina e dão pulos sobressaltados quando entramos na sala, de sorrisos demasiado rasgados e rostos falsamente radiantes.

Quero dizer aos pastores para não se preocuparem. Estou escondida em todas as sombras, presente em todos os recantos obscuros destas grutas. O que significa que ouço todas as palavras cétricas e reprovadoras que eles proferem.

A areia raspa-me os joelhos enquanto rastejo ao longo de uma estreita saliência que se sobrepõe à boca da gruta como um lábio inchado. Cerca de mil pastores sem-abrigo estão acampados lá em baixo, com as suas tendas e animais espalhados por todo o sistema de grutas calcárias ocultadas pelas dunas de areia de Verdenet.

Ouvi um sem fim de boatos acerca destas grutas quando era miúda. Os comerciantes afirmavam que eram o local ideal para se refugiarem das tempestades de neve e esconderem dos salteadores de caravanas. *Se conseguíssemos dar com elas, claro.* Reza a lenda sulista que foram tantos os que perderam a vida à sua procura

que as dunas são compostas por ossos desintegrados em vez de areia — e é por isso que o deserto é tão branco. Mas superámos essa parte da viagem sem grandes problemas — a *única* parte que não foi repleta de problemas — graças à escuridão. Os tentáculos pegaram-me pela mão e guiaram-me ansiosamente em direção aos túneis e poços mergulhados nas trevas.

No entanto, não me parece que alguém na nossa companhia considere as grutas ideais. São frias e sombrias, com pisos molhados e paredes cobertas de musgo luminescente que, embora bonito, é mortal ao toque. Já para não referir as aranhas gigantes, as lagartixas de fogo e as víboras demoníacas que gritam como crianças moribundas quando se atiram das fendas para nos morderem os tornozelos.

É o último lugar que os nómadas habituados às pradarias sem limites e ao céu aberto de Ashkar escolheriam para viver. O último lugar onde eu escolheria viver. Mas quando estamos a ser perseguidos pelo Exército Imperial por termos libertado um famigerado criminoso e somos *traídos* por esse criminoso depois de ele se aliar ao nosso maior inimigo, temos de fazer concessões. Escondemo-nos num lugar onde ninguém esperaria encontrar-nos. Um lugar que mais ninguém conseguisse encontrar.

Aprendi isso com o Temujin.

— Enebish! — O meu nome ricocheteia nos túneis de forma tão audível que uma nuvem de morcegos levanta voo. Ponho-me imediatamente de pé, subestimando a altura do teto serrilhado e a rugosidade do chão rochoso. A parte de trás da minha cabeça embate numa estalactite e a minha perna aleijada raspa na protuberância de uma rocha.

Fecho os olhos, praguejo entre dentes e cinjo-me ainda mais no casulo da escuridão, desejando que ele fosse capaz de bloquear vozes e luz.

— Enebish! — gritam novamente. Devem ser pelo menos cinco pastores, todos a gritar ao mesmo tempo. Todo o meu corpo treme.

As queixas e as exigências são ininterruptas. E o mais irónico é que os pastores tão depressa duvidam de mim e me desprezam, como logo a seguir clamam pela minha ajuda. Sou o problema e a solução. O bode expiatório e a salvadora.

Mas digo a mim própria que aquilo já seria de esperar. Um bom líder vive e morre pelos seus sucessos e fracassos. É confiante e inabalável — por mais sombria que seja a batalha — até que a guerra seja vencida.

*Tu querias esta oportunidade.*

Agora, tudo o que quero é passar mais de dois minutos sem ser criticada ou convocada. Quero desaparecer por algumas horas para tomar banho nas piscinas geotérmicas escondidas na parte de trás destas grutas, onde as rochas são amarelas e a água é de um verde elétrico e surpreendentemente quente. Espero que quente o suficiente para queimar a minha exaustão, a ansiedade e a dúvida.

Tento não pensar no que isso diz de mim — o facto de querer voltar a ficar sozinha após dois anos de solidão em Ikh Zuree; de estar disposta a entregar o meu título de líder apenas duas semanas depois de retirar os pastores das pastagens desoladas às portas de Sagan.

Quando a voz do Serik se junta aos gritos, suspiro e liberto o meu domínio sobre a escuridão. O facto de fazer coro com eles significa uma de duas coisas: ou se trata realmente de uma emergência; ou está farto dos queixumes dos pastores ao ponto de estrangular alguém, o que *criará* uma emergência.

Desço da saliência em direção aos gritos. Devia apressar-me, mas os meus pés arrastam-se pelas poças. E, desta vez, isso não tem nada que ver com os meus ferimentos antigos. Na primeira dezena de vezes que os pastores chamaram por mim desta maneira, saltei da cama com o coração na garganta, imaginando os cenários mais horríveis:

As tendas estavam a arder.

Os batedores Shoniin tinham encontrado as grutas.

As crianças tinham tocado no musgo venenoso.

Mas não.

O Cezari tinha amarrado as suas cabras demasiado perto do acampamento do Yimran e os animais tinham roído os seus cobertores durante a noite. Agora, a família do Yimran passaria frio e estava a exigir uma compensação ao Cezari. Todavia, o Cezari não podia dar-lhes os seus cobertores ou seria a sua família a passar frio.

— Temos um Fogueiro do Sol. Ninguém vai passar frio — assegurei-lhes com lugares-comuns pacientes e sorrisos graciosos. Depois disso, tive o imenso prazer de passar o dia inteiro a remendar os buracos nos cobertores. A família do Yimran tinha insistido que não deviam ser eles a fazê-lo. E o Cezari não tinha tempo, já que era evidente que as suas cabras estavam esfomeadas. Tinha de as levar para a superfície para tentar encontrar as poucas ervas que brotavam da areia.

Quando acabei de remendar os cobertores tinha os dedos tão enrugados como os de uma velha e a pele coberta de pequenos salpicos de sangue. Era demasiado nova e arredia para aprender a costurar quando era criança em Verdenet. E a Ghoa estava mais preocupada em ensinar-me a matar do que a curar.

Quando entreguei os cobertores ao Yimran, nem ele nem ninguém da sua família me agradeceu os esforços. Tiraram-me os cobertores das mãos, tendo o cuidado de evitar que os nossos dedos se tocassem, para que eu não os infetasse com as minhas cicatrizes ou maldade ou o que quer que fosse que os assustava em mim, e viraram costas. Chegaram a lançar olhares cautelosos por cima dos ombros, não fosse eu atirar as agulhas de costura às suas costas como se fossem facas. *Depois* de os ter ajudado.

Na vez seguinte, os gritos tinham sido tão frenéticos que pensei que havia notícias dos batedores. Ou que alguém tinha caído de um poço e morrido.

A última opção não estava muito longe da verdade.

Há várias noites que o Emeric levava o saco-cama para junto do Serik para conseguir dormir aproveitando o seu calor, em vez de esperar pela sua vez na rotação. Naquela noite, pisou acidentalmente na cauda de um cão e, quando o animal ganiu, o seu esquema foi descoberto.

O grupo queria atirá-lo para dentro de um poço. Ou bani-lo para o deserto inclemente. Alguém chegou a sugerir que eu fizesse desabar as estrelas sobre ele, o que lhe valeu um olhar tão fulminante como o fogo das estrelas.

— Eu não atiro estrelas às pessoas — rosnei.

Os pastores olharam para os pés ou para alhures. Porque me viram, com os seus próprios olhos, a tentar matar a Ghoha e a arrasar o Palácio Celeste com fogo das estrelas durante o resgate do Temujin.

Assumo total responsabilidade pelo que aconteceu no grande pátio. A noite e o fogo das estrelas são obrigações minhas. Mas culpo a Ghoha por me incriminar de um massacre, por me manipular e enganar ao ponto de eu me sentir obrigada a usar o meu poder contra ela. Quase permiti que ela me transformasse no monstro do qual tinha passado anos a fugir. Um monstro que estas pessoas nunca esquecerão.

Os pastores afastam-se à medida que coxeio pela gruta principal em direção ao alarido, mas isso não me faz sentir importante ou venerada, como acontecia quando eu era membro dos guerreiros Kalima. Em vez de se curvarem com respeito e veneração, os pastores recuam e levantam as mãos para tapar os rostos, como se tivessem medo de que os dilacerasse com as minhas garras ferais, ou fizesse abater sobre eles a noite, apenas por diversão. Mesmo que eu não tenha sequer levantado a voz contra eles desde que saímos de Sagaan.

*Não sou responsável por Nariin! Quero encher todos os túneis e fendas com a verdade. Para que vêm pedir a minha ajuda se depois se encolhem com medo quando respondo?*

Não esperava cair imediatamente nas boas graças dos pastores. Mas esperava que me dessem uma oportunidade. A Ghoa e o Rei Celeste abandonaram-nos à fome e ao frio nas pastagens de inverno. E os Zemyanos e os Shoniin vão invadir Sagaan mais cedo ou mais tarde, se é que não o fizeram já. Estes pastores fracos e flagelados teriam sido os primeiros a perecer. Ou a ser aprisionados.

Passo por um conjunto de estalagmites que formam uma espécie de divisória entre as grutas e entro num espaço mais pequeno, onde temos armazenados comida e mantimentos.

O Serik está no centro do espaço com os braços esticados, apartando dois homens que gritam um com o outro e têm atrás de si dois grupos de revoltados.

— Estás a tentar matar a minha família! — rugiu o mais velho dos dois, Iree.

— Só porque *tu nos* queres matar! Foste o primeiro a violar o código! — atira-lhe Bultum, um pastor de bochechas redondas e, por norma, bonacheirão.

— Vou matar-vos *aos dois* se não pararem de gritar! — sobrepõe-se o Serik.

Nas suas mãos surgem duas chamas — acidentalmente, a julgar pelo seu grito de surpresa. No entanto, é o suficiente para fazer recuar os dois lados.

Se há uma pessoa que descobriu que gosta de liderar ainda menos do que eu, é o Serik.

— Devíamos deixar os pastores matarem-se uns aos outros — tinha murmurado apenas duas noites após o início da nossa viagem pelas pradarias, durante as quais tivemos de lidar com uma roda de carroça partida, discussões sobre locais para pernoitar, rotações de pastoreio injustas e locais onde fazer fogueiras. — Ao estilo sobrevivência dos mais fortes, estás a ver?

Revirei os olhos com a sugestão exagerada do Serik.

— Eles vão acalmar em breve. Estão assustados, ansiosos e à nora. Pensa em tudo o que sofreram. Temos de ser pacientes.



Mal sabia eu que os pastores *não* acalmariam. O seu pânico e paranoia só aumentaram. Não demorou muito até os pensamentos obscuros do Serik começarem a fazer algum sentido na minha mente.

— Folgo em saber que estás a apaziguar a situação. — Esboço um sorriso provocador ao Serik quando me aproximo do local da contenda. Aprendemos rapidamente que podemos rir ou chorar com estas disputas exasperantes, e eu tento optar pela primeira a bem da nossa sanidade.

— Tenta tu chamá-los à razão! — Serik atira os braços para cima da cabeça e outra explosão de calor é projetada pelas suas mãos. O controlo que ele tem sobre o seu poder Kalima ainda é, quando muito, ténue, e o seu suspiro de desalento faz-me sorrir ainda mais. O que o deixa ainda mais zangado, mas não consigo evitar. Ele é adorável quando está frustrado: fica corado, o que lhe realça as sardas, e puxa o cabelo, que já cresceu quase até às orelhas.

— Nós só queremos o que é nosso por direito! — grita a pequena, mas imponente mulher do Bultum, Emani.

— O nosso quinhão de cereais não te pertence — cospe Iree, secundado por vários elementos do seu grupo. — Se a tua família devorou a parte que lhe competia, não queiras agora vir comer a nossa.

— Que conversa é essa? Não comemos nada há dias, não vês? — contrapôs Bultum, apontando para a família que, de facto, parecia bastante debilitada. Mas não mais do que qualquer outra pessoa. Entre as pradarias cobertas de neve e as areias inclementes, Ashkar não é uma região generosa no inverno. Estamos todos lentamente a morrer de fome.

Junto-me ao Serik no centro da luta, o que faz com que ambos os lados recuem ainda mais.

— O que se passa? Quem está a roubar quem? E porquê? Ainda esta semana fizemos a distribuição das porções.

Foi um processo lancinante. Tivemos de convencer todos os pastores a colocarem as suas provisões num local comum e a permitirem que fossem redistribuídas de forma uniforme, de modo a garantir que todos tivessem comida. Os que tinham muito ficaram obviamente indignados e os que tinham candeias e sacas vazias atiraram-se às provisões com voracidade.

— Exatamente! — intervém o Iree. — Todos recebemos uma porção, mas eles estão a tirar da nossa — diz, apontando para o saco de sarapilheira meio vazio que o Bultum traz nas mãos.

— Porque ficámos sem a nossa porção, que vocês roubaram!

— Como te atreves a acusar-nos de roubo? — grita um jovem por trás do Iree.

Espero que parem de gritar, tentando manter a calma, já que o Serik está a esfregar as têmporas como se fosse explodir.

— Como assim, ficaram sem a vossa porção? — pergunto ao Bultum.

— Foi exatamente isso que aconteceu! Quando vim recolher as nossas rações, não havia nada para levar. O Iree nunca gostou de mim porque as minhas ovelhas produzem lã mais fina, por isso sabia que ele era o culpado e procurei compensações sempre que necessário.

Os olhos do Iree pareciam querer saltar das órbitas.

— A tua lã não é mais fina do que a nossa!

— Tenho a certeza de que a tua parte está aqui. — Corri para o monte de mantimentos para fazer uma busca completa. — Talvez tenha caído para trás das rochas ou tenha sido extraviada para outro monte.

Mas não havia nada em nenhum dos buracos, nada escondido atrás dos afloramentos.

— Tu queres a nossa morte para teres mais para ti! — grita Emani, enfiando a cara no ombro de uma velha ao seu lado.

— Vocês é que querem a *nossa* morte! — contrapõe a família do Iree.

— Estão a discutir por nada! — A bota do Serik derruba o saco de cereais das mãos do Bultum. Todos ficam em silêncio enquanto o trigo se espalha pelo chão da gruta molhada. — Seja como for, estas escassas rações não nos manterão vivos por muito mais tempo.

— Serik! — Claro que ele tem razão, mas só me apetece pontapear-lhe cabeça com a mesma força com que ele pontapeou o saco, por o ter admitido em voz alta. Por dar aos pastores ainda mais razões para temer e duvidar. — Felizmente, não vamos precisar das rações por muito mais tempo — digo rapidamente, num tom mais ligeiro. — Já não falta muito para encontrarmos o rei Minoak. Em seguida, vamos marchar contra o governador imperial e retomar Verdenet. Assim que chegarmos à cidade de Lutaar, haverá muita comida. É uma questão de dias.

O Serik lança-me um olhar cansado. Foi o Temujin quem me informou da tentativa do Rei Celeste de assassinar o rei Minoak. Também foi o Temujin que disse que Minoak conseguiu sobreviver e fugir. E a verdade é que o Temujin provou ser tudo menos de confiança.

— Já na semana passada disseste que seria uma questão de dias — geme o Iree.

— Precisamente — digo, com mais convicção do que a que sinto. — Só estamos à procura há uma semana. Não é quase nada.

Olho para o Serik em busca de apoio, e embora saiba que ele prefere continuar a vomitar o seu realismo deprimente, os seus olhos cor de avelã cruzam-se com os meus e ele acena.

— Estas coisas demoram o seu tempo. Temos de continuar a ter fé.

— Temos tudo menos tempo — diz o Bultum, pegando no saco de cereais agora vazio. — Não sobreviveremos muito mais tempo.

— Tu e o Iree podem dividir a nossa parte para contrariar a escassez — ofereço, ciente de que tenho de lhes dar *alguma coisa*.

Serik fica boquiaberto, mas é tarde demais, já estou a entregar o saco de trigo. — E vamos pedir ao Azamat para guardar a gruta.

Embora seja velho e pouco digno de confiança — roubou o meu cajado assim que entrei nas pastagens de inverno quando saí de Ikh Zuree pela primeira vez —, não tem família, nem lealdade e, mais importante ainda, é tão teimoso que não se deixa comprar.

Esta decisão parece apaziguar o Iree, o Bultum e as respetivas famílias. Mas não me agradecem. Isso obrigá-los-ia a reconhecer que fiz algo bem feito.

— Sabes a fome com que eu estou? — murmura o Serik enquanto os grupos dispersam.

— Tinhas uma solução melhor?

— Vêm-me algumas à ideia... Se me deixares arrancar-lhes os dentes, eles deixam de conseguir comer. Problema resolvido. Ou podemos deixar a natureza seguir o seu curso até que comecem a morrer à fome. Os sobreviventes podem comer os mais fracos que morrerem primeiro.

— Serik! — exclamei, batendo-lhe com força.

— Eu sei, eu sei. Paciência, resiliência, nada de canibalismo. Blá, blá, blá.

— Isso não tem nada de blá, blá, blá. Sempre quiseste ser um guerreiro. Pois bem, aqui estamos nós. No calor da batalha. — Aponto para o interior da gruta apertada, tão cheia de animais ruidosos e pastores a discutir, que mal conseguimos ouvir os nossos pensamentos.

O Serik avalia o grupo, cerrando os olhos.

— Acho que pensei que ser um guerreiro Kalima implicaria mais adoração e esgrima e menos... lamúria de ingratião.

Massaja as palmas das mãos empoladas. Não chega a passar uma hora sem que ele seja obrigado a aquecer o ar frio ou a água do banho ou abrir um caminho por entre a neve e a areia, de forma a que os pastores possam sair das grutas em busca de

forragem para os seus animais. Metade das vezes nem consegue realizar estas tarefas. O seu poder é demasiado recente, demasiado volátil. Ele deixa-se ficar ali, com as orelhas vermelhas e o rosto sombrio, enquanto os pastores abanam a cabeça, desiludidos — como se ele *tivesse a obrigação* de conseguir controlar o céu na perfeição poucas semanas após o despertar do seu poder Kalima.

Curiosamente, o Serik nunca se irrita com eles. E nunca deixa de tentar. Mas a cada dia que passa, o seu sorriso perde parte do brilho, os olhos ficam menos despertos. E às vezes, quando ele está a dormir à noite, sinto o seu poder a manifestar-se de forma errática. Ele treme e chora no seu saco-cama.

É demasiada tensão para um guerreiro tão recente; demasiada tensão para *qualquer* guerreiro Kalima.

Depois de encontrar o Azamat e de o colocar no seu novo posto, o Serik puxa-me para um canto, longe da vista dos pastores. As algas brilhantes desenham estranhos padrões verdes no seu rosto, conferindo-lhe um ar ainda mais exausto.

Entrelaço os meus dedos nos seus e aperto.

— Só mais um pouco. Prometo. Os batedores devem estar a voltar, e tenho a certeza de que encontraram o rei Minoak.

— E se não encontraram? — pergunta ele sem olhar para mim. — Não estou a duvidar de ti — acrescenta gentilmente. — Espero que tenhas razão, que Minoak esteja vivo e que nos queira liderar, mas talvez devêssemos pensar num plano de contingência, caso ele esteja...

— Não o digas — corto, antes que o Serik profira a palavra que vai estragar tudo.

O rei Minoak não está *morto*.

Não pode estar morto.

Recuso-me a colocar essa hipótese. E não podemos pensar num «plano de contingência», porque não temos outra opção. Sem a ajuda de Verdenet, nunca seremos capazes de libertar

e recrutar os outros Protetorados, o que significa que não teremos a mínima hipótese contra Ashkar e Zemya.

Tento soltar a minha mão, mas agora é o Serik que a aperta com força.

— En, sabes que não é da minha natureza ser hesitante ou ponderado, mas não vamos ter um rei só porque o desejamos muito. Tal como não podemos permitir que estas pessoas morram à fome. Ou ao frio, se a minha energia se esgotar. — Flete os dedos da mão livre e franze a testa. — Alguns dos pastores têm estado reunidos e...

— O *quê?* — A minha voz estridente ecoa à nossa volta. — Porque não me avisaste logo? Se estão a conspirar nas minhas costas...

— Ninguém está a conspirar nas tuas costas.

— Achas que não consigo ouvir, Serik? Estão sempre a resmungar, a sussurrar e a criticar-me. Não tens de mentir para me proteger.

— Que conversa é essa? Ninguém está a fazer nada disso. — Liberto finalmente a minha mão, cruzo os braços e amuo. — Sim, eles queixam-se — admite ele, por fim —, mas não especificamente de ti. As pessoas podem ter conversas e opiniões. Se proibires isso, a nossa rebelião vai começar a parecer-se muito com o Exército Imperial. E só porque a Ghoa e o Temujin te traíram, não significa que todos façam o mesmo. Tens de ter fé nas pessoas — conclui, em surdina.

Faço um esforço monumental para não revirar os olhos. Partir do princípio de que os meus aliados não se vão virar contra mim é tão idiota como presumir que as tempestades de neve não vão devastar as pradarias este inverno, quando o fizeram sempre, ano após ano. E desde quando é que o Serik fala de fé?

Quando não respondo, o Serik agarra-me com firmeza pelos ombros, como se apertasse as rédeas de um cavalo nervoso.

— Alguns dos pastores têm andado a ponderar a entrada em Verdenet — diz.

— Se fizermos isso, ficaremos sob a alçada do governador imperial! Não poderemos sair das muralhas de Lutaar e continuar a nossa busca pelo rei Minoak. E mesmo que, por milagre, o encontrarmos na capital, não teremos o elemento surpresa para retomar Verdenet.

— Mas eles terão abrigo e comida, que é a preocupação mais imediata. Já passaram por tanta coisa. E acham que podemos criar uma resistência quando estivermos dentro da cidade.

Estremeci.

— Isso nunca vai acontecer. O povo de Verdenet já o teria feito, se pudesse.

— Talvez não, se lhes faltar liderança. Acho que...

— Tu concordas com eles! — Levanto os braços, obrigando o Serik a libertar-me. Ele suspira.

— Eu não disse isso, En. Só acho que seria bom ter outro plano. Nunca é mau ter opções.

— Não temos *opções*. Se entrarmos em Verdenet, ficaremos encurralados. Cativos. O que significa que seremos alvos fáceis quando o Kartok e os Zemyanos atacarem. Eles vão conquistar Verdenet e todo o Império Unificado, e os nossos esforços e sofrimento terão sido em vão. Ficaremos sujeitos a um governante ainda mais impiedoso do que o Rei Celeste. Será que sou a única que vê isto? — Antes de o Serik responder, um coro de gritos ecoa pelo túnel, vindo da direção da gruta principal. Passo a mão pela trança que começa a desfazer-se e o pequeno músculo por baixo do meu olho direito começa a tremer. — Se eles estiverem outra vez à bulha por causa das rações, juro pelos céus que vou...

— Os batedores voltaram! — A mensagem ressoa nas rochas e nos meus ouvidos quase me fazendo desmaiar de alívio.

Graças à Senhora e ao Pai.

Corro pela gruta, arrastando dolorosamente a minha perna estropiada. Tenho feito um esforço adicional ultimamente, a caminhar por estes pisos irregulares e a escalar as paredes

escorregadias. Preciso de ter mais cuidado. A única coisa que pode piorar esta situação é se eu não conseguir esgueirar-me à socapa para ouvir as conspirações.

O Serik corre atrás de mim. Assim que o seu passo coincide com o meu, ele passa um braço por baixo dos meus ombros. Não o afasto nem me queixo. Só está a tentar ajudar. E assim chego mais depressa e preservo a minha força. Mas não permito que suporte todo o meu peso. Recuso-me a colocar-me numa posição em que possa ser largada e cair.

Não que eu pense que o Serik alguma vez o fizesse.

Mas também não pensava isso em relação ao Temujin, aos Shoniin ou à Ghoa.

Entramos na gruta principal e dirigimo-nos para o ponto onde uma multidão de pastores está reunida em torno dos três batedores que têm vasculhado o deserto em busca do Planalto de Sawtooth. É o local para onde os reis de Verdenet sempre se dirigiram para o seu Despertar, a altura em que as sacerdotisas dos Primeiros Deuses gravam a tatuagem real nas suas pernas. É um ritual sagrado: o futuro rei deita-se numa mesa de arenito, totalmente nu e vulnerável perante a Senhora do Céu durante três dias. O tempo que ela escolher para esses dias é representativo do reinado do futuro rei. Após a cerimónia, os reis muitas vezes voltam ao planalto para rezar e meditar. Mas os Ashkarianos não sabem disso porque não veneram os Primeiros Deuses e não mostraram interesse em aprender as nossas tradições. E o templo está localizado no centro do planalto, escavado na terra, como um formigueiro, o que o torna invisível por baixo da elevação.

Como Minoak não estava acampado perto do Lago da Senhora, onde as crianças são apresentadas à Deusa para a cerimónia do batismo, ou escondido nos Braços do Pai — um pequeno oásis que floresce no meio do deserto — o Planalto de Sawtooth foi o local onde me lembrei que podia estar. É o esconderijo perfeito para um rei em fuga, e só o seu povo saberia disso.



— Novidades? — pergunto, assim que nos aproximamos dos batedores.

O rei Minoak não está com os batedores. É a primeira coisa em que reparo. Mas isso não quer dizer nada. É um rei, não arriscaria seguir estranhos sem provas de identidade e garantias das nossas intenções.

A segunda coisa em que reparo é que os batedores se encolhem ao ouvir a minha voz. E que se recusam a olhar-me nos olhos.

— E então? — exijo saber. — Encontraram-no?

— Nem sequer encontrámos o planalto — diz-me Lalyne, a mais experiente batedora entre os pastores.

— *Nada?* — A minha réstia de esperança desvanece-se com o sopro que sai da minha boca. — Mas eu dei instruções detalhadas...

— Para um lugar onde nunca estiveste! — clama um pastor atrás de mim.

Lanço-lhe um olhar irritado e aproximo-me dos batedores.

— Atravessaram a bacia do rio seco? Tens a certeza de que constaste bem as dunas a partir da estrela guia?

Olham para mim sem o menor indício de frustração ou convicção. E quando reparo com mais atenção, percebo que os seus rostos quase não parecem queimados pelo sol. As botas não estão incrustadas com uma semana de neve e areia.

*Ao menos tentaram?* É o que me apetece perguntar. Mas cerro os punhos, travando o fogo das estrelas nas minhas mãos. Tenho de ser uma líder calma e confiante.

— Obviamente, não é o que esperávamos, mas vamos organizar outra expedição.

A gruta explode com queixas.

— Nunca encontraremos esse planalto escondido, porque ele não existe!

— E nem o vosso rei desaparecido! É óbvio que ele está morto.

— Caso contrário, ele próprio estaria a organizar uma rebelião para retomar Verdenet!

— Não, ele não o faria — respondo de forma resoluto. — Ele sabe que não devemos entrar numa cidade fortificada quando não estamos devidamente preparados. Está à espera do momento oportuno. E de reforços. — Gesticulo para o grupo, e a explosão de risos quase me atira ao chão. Sinto-me como um gato, suspenso de um galho instável, preso por uma pata.

— Não podes querer que sejamos reforços. Olha para nós! — diz uma idosa.

— Somos apenas o começo — respondo. — O suficiente para fazer Minoak passar pelos portões de Lutaar. O povo da cidade vai apoiar-nos assim que vir que o seu rei está vivo.

— E se não estiver? — grita o Iree. — Cá para mim, entramos já!

A sua família grita em aprovação, mesmo que estejam mais preparados do que os outros para esperar mais alguns dias, graças às rações que sacrifiquei.

— Não podemos simplesmente entrar em Lutaar! — Tento não me emocionar, mas sinto a minha voz trémula e oscilante como o atizador de uma Leitora de Ossos.

O Serik agarra-me pelo cotovelo e afasta-me alguns passos do grupo.

— Respira, En. Sei que achas que encontrar o rei Minoak é a única solução. E é um plano nobre. Mas às vezes as peças necessárias não se alinham. Não significa que tenhas falhado. Significa apenas que temos de manter a mente aberta.

Sinto um ardor nos olhos e a voz a arranhar-me a garganta.

— Também estás a desistir de mim?

— Não desisti de ti. Não digas disparates. Talvez seja boa ideia ouvir a maioria neste caso e arranjar uma forma de nos defendermos dos Zemyanos no interior de Lutaar, onde teremos comida e abrigo.

Liberto-me do Serik, mas torço o braço magoado. A dor explode ao longo das cicatrizes roxas e salientes que tenho acima

do cotovelo. As cores fluorescentes das algas bailam enquanto avanço aos tropeções para os túneis sinuosos, às cegas e ofegante. O Serik chama por mim. Sinto os olhares críticos dos pastores nas minhas costas. E não suporto nada daquilo por mais um segundo que seja.

Lanço um manto de escuridão sobre mim mesma e afasto-me para longe. Para um lugar profundo e escuro. Para os braços protetores da noite, onde ninguém me pode alcançar.

# Capítulo Dois

## ENEBISH

O túnel termina numa gruta azul-escura onde nunca penetrou um raio de luz. Deixo-me cair numa laje de pedra que se projeta sobre uma nascente cheia de peixes translúcidos e fecho os olhos. O Serik e os pastores podem estar dispostos a desistir e entrar em Lutaar, mas não o podemos fazer. Os pastores só vão cooperar se precisarem de nós, e não precisarão de nós lá dentro. Pelo menos, não até à chegada do Kartok e do Temujin. Mas aí será tarde demais. Ficaremos encurralados. Escravizados. Obliterados pelo fogo das estrelas que o Kartok me roubou no seu falso Azul Eterno.

— Como posso chamá-los à razão? — Inclino a cabeça para trás e olho para a Senhora do Céu. Não consigo vê-la aqui, enterrada debaixo de uma liga de calcário e areia, mas parece-me correto levantar os olhos em reverência. Olho para o teto enrugado, onde aranhas amarelas balançam de teias prateadas. Enquanto rezo, rodopio os tentáculos da noite como um pintor, pincelando-os suavemente na obscuridade até que as aranhas e o bolor e as estalactites estejam cobertos de uma penumbra orvalhada e brilhante. Em seguida, salpico-a com uma amálgama de estrelas. Por último, esculpo a *Orbai* e solto-a na escuridão.

Perco o fôlego quando a vejo voar por cima de mim. A minha mão treme enquanto traço as suas asas sombreadas.

— Onde estás? — sussurro, embora já saiba a resposta: ou morreu nas chamas ou vive eternamente ligada ao Kartok através da sua magia de cura de Loridium. Mas a minha pergunta também é para a Senhora do Céu, que me conduziu até aos pastores e me mostrou o caminho para estas grutas, mas que depois não me guiou até ao rei Minoak, a peça mais importante deste quebra-cabeças. — Volta. Ajuda-me. Por favor!

Os meus soluços enchem a gruta, lamentos estridentes e agonizantes que abafam o som dos passos do Serik. Só me apercebo que está atrás de mim quando diz o meu nome.

— O que fazes aqui?

Volto-me tão depressa que quase caio na nascente.

— Como é que me encontraste?

— Estava preocupado contigo. — O Serik baixa-se para entrar na gruta. Uma pequena bola de luz amarela pisca na palma da sua mão, do tamanho de um globo de ouro. Podia soltar o meu domínio sobre a escuridão para que ele não tivesse de gastar o seu poder, mas não o faço. — E encontrei-te porque avancei aos tropeções pelo túnel mais escuro, até vir dar aqui. — O sorriso do Serik é tão orgulhoso e enternecedor que *quase* dou por mim a sorrir também. Ele é muito melhor a invocar o calor do que a luz, por isso a pequena chama de fósforo que paira sobre a sua mão é um grande feito. — A sério, En, estás bem? Estavas a gritar. Como se estivesses a ser torturada.

*Estou a ser torturada.*

— Estou bem. — Volto para a nascente e fico a ver os peixes. É perturbador conseguir ver através das suas escamas e ossos até aos seus corações que batem rapidamente. Sinto que a minha pele é igualmente fina. Como se o meu coração estivesse em exposição, apesar dos meus esforços para me proteger. O Serik suspira e aproxima-se de mim.

— Por favor, não me afastes. E não te distancies dos pastores. Temos de nos manter unidos ou será o caos. — Levanto uma

sobrancelha cética como se dissesse, *não o é já?* E ele corrige: — Mais caos.

Depois de um minuto de silêncio, digo:

— Temos de nos manter unidos. Tu e eu. Se os pastores te virem a duvidar dos meus planos, não terei a menor hipótese de ganhar o seu respeito ou liderar uma revolta contra o Kartok, o Temujin e o Exército Imperial. Não vês como olham para mim? Como sussurram e se afastam? E viste os batedores? Nem sequer estão a tentar encontrar o Planalto de Sawtooth. Ninguém está a levar isto a sério, porque querem que eu falhe.

Arranco os rebentos enrugados que crescem nas rochas e atiro as folhas oleosas para a nascente. Os pequenos peixes acorrem à superfície, atacando-se uns aos outros como se estes fossem os últimos pedaços de comida na Terra. A água ganha tons de vermelho, que me parecem apropriados. Reveladores. Estou a ser comida viva pela minha espécie.

— Não digas disparates — diz-me o Serik. — Ninguém quer que falhes. Não nos teriam seguido até ao deserto se não achassem que esta era a sua melhor hipótese de sobrevivência. Sabotar-te seria prejudicial para eles.

O meu cabelo cola-se à minha cara quando abano a cabeça.

— Tu não percebes porque eles adoram-te. Precisam do teu calor. Mas tratam-me como um canhão defeituoso que pode explodir a qualquer momento.

— Sei que te é difícil, depois de tudo o que passaste, porém, se queres que alguém confie em *ti*, podes começar por tentar confiar nas *peessoas*. Algo tão simples como um meio-termo, ou mesmo apenas reconhecer as suas preocupações, pode ser muito útil.

Rio-me. Não vou confiar em mais ninguém. Não depois da Ghoa. E do Temujin. E do Kartok. E do Rei Celeste. A lista continua...

O Serik aproxima-se ainda mais. O calor do seu corpo é ainda mais pronunciado nesta gruta remota. Penetra na minha pele como o sol.

— Se não consegues confiar neles, confia em mim. — Os seus dedos quentes deslizam pela minha face e enrolam-se na minha orelha. Fecho os olhos e encosto a testa ao seu queixo. O cheiro a pergaminho e tinta de resina do mosteiro estão a desaparecer do seu manto e das suas vestes. Agora, cheira a algo selvagem: a sol, areia e madeira a arder. Assenta-lhe ainda melhor.

— Não podemos desistir — sussurro. — Minoak está perto. Consigo senti-lo.

— Temos de lhes dar algo, En.

— Está bem — cedo. — Vamos enviar os batedores mais uma vez. Se não encontrarem o rei Minoak em cinco dias, podemos entrar em Lutaar.

Sinto cada palavra a cortar-me a boca como uma faca. É a última promessa que me apetece fazer. Mas sei que é o que o Serik quer ouvir, e o gesto cai-lhe bem. Os seus olhos formam quartos crescentes e os seus lábios contorcem-se num sorriso. Ele dá-me um leve beijo na testa e depois pega na minha mão, levando-me para junto dos pastores, que não se mostrarão tão gratos.

— Tu e ela podem ficar aqui descansadinhos da vida — grita o Iree quando o Serik anuncia o nosso plano —, mas eu vou partir ao raiar da aurora.

Os aplausos de concordância preenchem todo o sistema de grutas. O ruído deve ter chegado ao mercado de Nashab, no centro de Lutaar.

— Acham que é sensato marchar para uma cidade ocupada em plena luz do dia? — grito por cima deles. — Será muito mais prudente entrar a coberto da escuridão, de forma a que os guerreiros imperiais não possam seguir os vossos movimentos. E precisam de mim para isso.

Os pastores ignoram-me. Sei que devo manter a boca fechada e deixar que seja o Serik a falar com eles — vai obter melhores resultados —, mas a sua frieza, depois de tudo o que fiz por eles,

faz-me ferver como uma panela ao lume. Agarro num punhado de tentáculos pretos que rondam a minha cara e mergulho a gruta na escuridão.

Os gritos encham o espaço e, por momentos, delicio-me com o terror e a impotência que demonstram. Já que insistem em tratar-me como um monstro, mais vale dar-lhes algo para temerem.

Mas caio em mim e solto de imediato o meu controlo sobre a noite. Esta é a maneira de pensar da Ghoo. É a sua maneira de reagir: com ameaças pesadas e punições cruéis.

O Serik fixa os olhos em mim, com as sobrancelhas cerradas e os lábios comprimidos, e eu percebo exactamente o que ele está a pensar: *O que estás a fazer? Para de cavar um fosso ainda maior entre ti e eles.*

Levanto as mãos em frustração e lanço-lhe um olhar igualmente acutilante: *Então, faz alguma coisa. Fá-los concordar. Foste tu que sugeriste um meio-termo.*

O Serik fecha os olhos e esfrega as têmporas. A voz sai-lhe ténue e entrecortada:

— Se não apoiarem esta missão final de reconhecimento, deixarei de providenciar calor. — Os pastores recuam e olham para o Serik como sempre olharam para mim. — São só mais cinco dias — diz, vacilante.

— Menos, se localizarem o rei Minoak rapidamente — corto, encarando os batedores. — Reponham as vossas rações e preparem-se para partir imediatamente.

Lalyne cerra o maxilar e lança-me um olhar demorado e desconfortável, com a cara fechada e os olhos implacáveis. Devolve-me o olhar. Relutante, ela acena e os outros dois batedores agarram nas sacolas e seguem em direção à gruta dos víveres.

Quando o Azamat nos vê, levanta-se do banco e deixa-nos passar com um aceno oficial do seu bordão. As rações estão divididas por variedade: cereais a um canto, carne seca a outro e queijo de cabra disposto ao longo da parede mais distante.



— Cada um pode levar um naco de queijo e duas tiras de carne dos sacos que estão marcados com a data da próxima semana.

Os batedores vasculham os mantimentos e juntam-se à volta da carne.

— Não há nenhum saco com essas datas — diz Lalyne em voz suficientemente alta para que qualquer pastor que nos tenha seguido possa ouvir.

— Como assim, não há nenhum saco? — Aproximo-me do monte cada vez mais pequeno. — Fiz o inventário há poucas horas e estava tudo em ordem.

Revolvo os sacos e percebo que a Lalyne tem razão. Falta um saco inteiro de carne.

— Azamat! — grito, e dou meia-volta. — Alguma das famílias veio buscar o seu quinhão antes do tempo?

— Ninguém entrou na câmara desde que saíste — diz-me, levantando o queixo.

— Tens a certeza? Será que não saíste daqui para ir buscar água? Ou adormeceste sem querer?

*Ou aceitaste um suborno?*

*Ou decidiste juntar-te ao plano para me sabotar?*

— Não adormeço quando estou de vigia — resmunga ele, com uma fungadela.

Tento manter um tom de voz neutro. Calmo.

— Então, tiraste tu o saco com a carne seca?

Os dedos do Azamat apertam o bordão e a cara sulcada contorce-se num esgar. O seu grito ecoa pela gruta.

— Porque me mandaste guardar a comida se achas que sou eu que ando a roubar?

Estremeço. Não contava que um homem tão velho e franzino tivesse uma voz tão cavernosa.

— A Enebish não estava a acusar-te. — O Serik passa por mim, mas é tarde demais. A cacofonia de queixas que tinha acabado de amainar recomeça com o dobro do fervor.

— Desapareceu mais comida!

— Não vamos durar mais um dia!

A histeria aumenta como o barulho da chuva, até que a gritaria desaba num aguaceiro. A gruta está tão inundada que mal consigo manter a cabeça à tona.

— Tenho a certeza de que o saco foi simplesmente mal marcado. Ou então extraviou-se — digo. — Vou voltar a fazer o inventário. E depois fico eu de guarda às rações.

O Azamat protesta, assim como todos os outros que estão por perto, mas eu agarro no bordão dele — que na verdade me pertence — e uso-o para o afastar da gruta como uma ovelha teimosa. Felizmente, o bordão arrasta consigo uma grande parte da multidão.

Assim que o espaço fica vazio, posiciono-me na abertura da gruta, braços e pernas estendidos, de forma a que as minhas mãos e pés toquem na rocha de ambos os lados, como uma parede humana. Os pastores murmuram e resmungam enquanto dispersam, sussurrando que sou a menos fiável de todos, mas todos sabemos qual é o verdadeiro motivo para não quererem que seja eu a guardar as rações: querem que a comida desapareça. Tal como querem que os batedores regressem de mãos vazias. Qualquer motivo é bom para abandonar os meus planos. Estão dispostos a desperdiçar a nossa única hipótese de liberdade por uma taberna fedorenta e um pedaço de pão em Lutaar.

O Serik é o último a sair. Os seus passos são lentos e esfrega uma mão sobre o rosto exausto. Sei que não estou a facilitar-lhe a vida — ele vai passar a noite toda a pedir desculpa e a proporcionar mais calor para apaziguar os pastores — mas todos temos de fazer sacrifícios.

Eu terei certamente de os fazer.

E pelo menos os esforços dele são valorizados.

\*

As horas passam mais devagar do que os caracóis verde-claros que sobem pelas paredes da gruta. Ninguém vem aqui para conversar comigo, como faziam com o Azamat. Mas não quero visitas. Não quero ser distraída, seja propositada ou inadvertidamente. E tenho a escuridão. A única companhia de que preciso.

Os tentáculos serpenteiam pelos meus pulsos e enrodilham-se nos meus dedos. Envolvem as minhas pernas e tronco num abraço aveludado. Inspiro e expiro. Descontraio, volto a centrar-me.

É impossível medir a passagem do tempo sem nunca ver o céu, mas pelo menos uma noite e um dia passaram sem problemas. No entanto, quando os pastores se instalam nas suas tendas na noite seguinte, os meus olhos ardem e as minhas pálpebras caem, pesadas como pedras. Sinto o corpo tão pesado que me deixo deslizar pela parede. Talvez tenha sido mais dura com o Azamat do que devia. A pausa sedutora do sono é quase tão irresistível como a noite.

Descanso os olhos por um segundo. Um instante. Ninguém se atreveria a roubar as rações enquanto estou aqui sentada...

Não sei se passa um minuto, ou várias horas, mas do fundo do meu casulo de sono, sinto um ligeiro toque. Gemo e abano a mão, afastando o rato ou lagartixa-de-fogo. Mas logo a seguir volto a sentir a mesma sensação, e desta vez percebo que não é um toque, mas sim um puxão.

Um repelão.

Os fios da noite, que repousam nas palmas das minhas mãos, deslizam para longe, queimando como corda à sua passagem.

*Mas que raio...?*

Os meus olhos abrem-se e levanto-me de repente, perscrutando a gruta dos víveres. Não terá mais de 10 passos de diâmetro. Um intruso ficaria sempre ao alcance da minha mão.

Sinto os músculos tensos, preparados para atacar quem tiver a audácia de roubar o grupo. Mas obrigo-me a esperar enquanto sondo a escuridão.

Ao princípio, não vejo nada, mas quando reúno uma mão cheia de noite e a atiro para a frente, como fazia com os cobertores que a Ghoo empilhava quando partilhávamos a cama quando éramos pequenas, começo a distinguir um contorno.

Não reconheço o ladrão imediatamente. É pequeno, com pernas magras a espreitar por baixo de uma bainha esfarrapada e um capuz a cobrir-lhe o cabelo.

As palmas das minhas mãos picam com fogo das estrelas quando o vejo a vasculhar os sacos, a roubar um pouco disto e um punhado daquilo. A levar o que bem entende, sem se importar que os outros passem fome.

*Como pode ser tão egoísta?*

Mais curioso ainda, como consegue *ver* na escuridão?

Deixo-me estar sentada, enrolada como uma víbora na entrada da gruta, à espera do momento oportuno para atacar.

Quando o ladrão acaba de pilhar a pouca comida que temos, passa a sacola por cima do ombro e aproxima-se. Mais perto. Fecho os olhos quando olha para mim. Sou apenas um guarda descuidado, vencido pelo sono. Mas quando salta por cima das minhas pernas, agarro-lhe o tornozelo.

— Apanhei-te! — Um grito ensurdecedor enche a gruta quando o ladrão cai. O saco de rações roubadas embate no chão e eu urro de indignação quando a nossa comida preciosa vai cair nas poças de água suja. — Como te atreves! — digo, num rugido, atirando-me ao ladrão. Os meus ferimentos antigos são apenas uma ligeira impressão comparados com a raiva que sinto. Agarro-o pelos braços e tento prendê-lo ao chão. Por um segundo, ele não se mexe e creio que sou bem-sucedida. Em seguida, os tentáculos da escuridão levantam-se e eu caio para trás num turbilhão de negrume, como se tivessem puxado um tapete de debaixo dos meus pés.

Fico tão atordoada que perco completamente o controlo, e tanto o ladrão como a noite se libertam.

O intruso recupera o saco de comida quase vazio e já está vários passos à frente quando me levanto. O que é um problema, já que não sou dada a grandes velocidades.

— Para! — grito, correndo o mais depressa que consigo, apesar da dor. Sou assolada pelo pânico: os Zemyanos estão aqui, a usar o poder que me roubaram. Mas porque se dariam ao trabalho de roubar a nossa comida? Deve haver outro Fiador da Noite entre os pastores. Só que eu teria sabido. Tê-lo-ia sentido mais cedo. Já estaríamos a fazer braço de ferro com os tentáculos das trevas há muito tempo.

Entro de rompante na gruta principal, onde os pastores sonolentos começam a emergir das suas tendas, horrorizados. Todos gritam comigo quando deviam estar a gritar com o ladrão.

— Eles estão a roubar a nossa comida!

Aponto para a figura encapuzada, que já está a meio da gruta, mas todos continuam a olhar para mim.

Tento arrancar o manto da escuridão do ladrão, mas está muito longe e o seu aperto é muito forte. As minhas mãos estão a tremer demasiado.

— Se não vão ajudar, ao menos saiam do meu caminho! — grito enquanto avanço pela multidão, por entre cotoveladas e choques de ombros. Estou quase no túnel por onde o ladrão se esgueirou quando alguém se põe à minha frente.

— Para com isto, En! — O Serik parece tão horrorizado como o resto do grupo. — Não há ninguém aqui. Estás a assustar toda a gente.

— Só porque não consegues vê-lo, não significa que não esteja aqui ninguém!

O Serik coloca as mãos nos meus ombros e agarra-me com firmeza.

— Sei que estás desesperada, mas achas mesmo que esta é a melhor maneira?

— Esta é a *única* maneira. Desvia-te!

Mas o Serik não me larga, o que não me dá alternativa. Não só o ladrão está a roubar a nossa comida, como está de alguma forma a controlar a escuridão. Não pode escapar.

Cubro-me com a noite e enterro um joelho no estômago do Serik.

— Desculpa — grito, enquanto ele cai por terra. Em seguida, esgueiro-me pela multidão com maior eficácia e avanço para o túnel.

Tarde demais.

Nem vestígios do ladrão. Apenas dezenas de túneis que se ramificam em cem direções diferentes. Rosnando de frustração, bato com a mão na parede. É então que sinto o puxa e empurra da escuridão. Sempre que aperto o punho, o ladrão recua. Como se estivessemos ligados por uma corda.

Retomo a marcha, seguindo o puxão para a direita, depois para a esquerda e depois para a direita outra vez. Para onde vai ele? Nunca encontrarei o caminho de volta. Um segundo depois, o ar frio bate-me na cara e o teto explode com estrelas. Os meus pés afundam-se na areia ainda quente, o que atrasa ainda mais o meu progresso.

Porque saíria das grutas?

O pânico apodera-se dos meus pulmões à medida que uma terceira possibilidade ganha forma na minha mente. Se o ladrão não é zemyano ou um dos nossos, deve ser de fora. E se for esse o caso, a comida roubada é a menor das nossas preocupações. Pode revelar a nossa localização ao governador imperial de Verdenet. Ou vender-nos aos Zemyanos.

Imploro aos meus pés para que se movam mais depressa, mas a areia é funda e a minha perna começa a pulsar. O ladrão corre pela duna mais próxima, aumentando a distância entre nós. Até que o puxão da escuridão se torna tão fraco que deixo de o sentir.

Caio de joelhos, viro a cara para o céu e chamo pela Senhora e pelo Pai, gritando às estrelas que brilham ao longe. E é quando me lembro de que a escuridão não é a única arma à minha disposição.

*Não!*

A minha mente evoca imagens do Palácio Celeste em chamas, mas não tenho escolha. Tenho de pensar na segurança do grupo.

O ladrão é um Fiador da Noite.

Sempre fui a única, além da minha mentora Tuva, que morreu quando eu tinha 13 anos. Onde é que esta pessoa se tem escondido? Porque não foi recrutada pelos Kalima?

Será algum tipo de desafio?

Só há uma maneira de descobrir.

Com um grito desesperado, alcanço um punhal de fogo das estrelas e atiro-o à sombra que se desenha sobre as dunas.

# SOU A INIMIGA N.º 1, A TRAIÐORA DO REINO...

Estamos em guerra. A discórdia entre Zemya e Ashkar começou há séculos por uma disputa entre deuses e, neste momento, a única hipótese de trazer paz a Ashkar é unindo os vários povos numa revolta contra o rei tirano. Uma tarefa difícil quando se leva de arrasto uma turba de pastores descontentes... mas estes são os primeiros aliados que conseguimos unir à causa.

O cenário é negro. Eles não confiam em mim, porque a minha reputação como Enebish, *a Destruidora*, ainda perdura. Mas eu também sou desconfiada, pois é isso que acontece quando se é traído por quem mais gostamos. Apenas confio no Serik, o único que consegue imbuir-me de alguma esperança. Foi ele quem me motivou a percorrer o grande deserto gelado em busca de apoios para esta guerra.

E, no entanto, a maior ferida neste conflito é a minha irmã Goa, cuja traição me atormenta. Pergunto-me se, depois da minha fuga, ela terá vindo atrás de mim com os seus guerreiros Kalima, ou se teremos de nos enfrentar, cara a cara, na derradeira batalha final.

## E SÓ EU POSSO LIBERTÁ-LO DA TIRANIA.






«Uma saga gritante sobre redenção,  
lealdade e a loucura da guerra.»  
*Shelf Awareness*

DA MESMA  
AUTORA:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Literatura Fantástica

 [penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)  
  [penguinlivros](https://www.instagram.com/penguinlivros)

ISBN 9789896235697



9 789896 235697 >